

PODER



Tarcísio (E) e Ratinho Jr. (D) no debate da XP: cálculos pessimistas sobre o impacto da taxaço de 50% nas contas de São Paulo e do Paraná

Governadores criticam a condução do tarifaço

Para Ronaldo Caiado (GO), Ratinho Jr. (PR) e Tarcísio de Freitas (SP), governo Lula vem demonstrando pouca efetividade nas tratativas com a Casa Branca

» ROSANA HESSEL

São Paulo — Governadores da direita aproveitaram o segundo dia da Expert XP, ontem, para criticar a condução feita pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao tarifaço de Donald Trump sobre o Brasil, que aumentou em 50% os impostos sobre os produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos. Segundo Ronaldo Caiado (GO), Ratinho Junior (PR) e Tarcísio de Freitas (SP), a administração desse contencioso está equivocada.

Para Caiado, “Lula não quer resolver o problema do tarifaço”, foi “irresponsável” e tem tomado decisões questionáveis na área da diplomacia. Ele considera um erro a visita que fez à ex-presidente da Argentina, Cristina Kirchner, que cumpre prisão domiciliar, quando esteve em Buenos Aires, em vez de se aproximar de Javier Milei, à frente do país que é o principal parceiro comercial do Brasil na América Latina.

Caiado considera que Lula segue mal preparado e que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, perdeu o status de integrante do primeiro escalão, pois não seria mais ouvido pelo presidente — segundo o governador de Goiás, a função de conselheiro direto vem sendo exercida pelo ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom) da Presidência, Sidônio Palmeira.

“Hoje, o Lula não consulta ministro da Fazenda e do Planejamento. Ele só consulta o marqueteiro. O ministro da Fazenda é de baixo clero, porque o presidente quer tirar mais benefício do ponto de vista pessoal para a campanha eleitoral”, acusou Caiado, que era aplaudido pela plateia sempre que criticava o governo. “Ele fala de soberania, sabemos que o Brasil é dos brasileiros. Mas o Brasil não é do PT. E não fomos consultados para ele tomar qualquer decisão”, acrescentou.

Ratinho Jr., por sua vez, também criticou o fato de que Lula não enviou o chanceler Mauro Vieira aos EUA para negociar



Hoje, o Lula não consulta ministro da Fazenda e do Planejamento. Ele só consulta o marqueteiro. O ministro da Fazenda é de baixo clero, porque o presidente quer tirar mais benefício do ponto de vista pessoal para a campanha eleitoral”

Ronaldo Caiado,
governador de Goiás

pessoalmente um acordo sobre a aplicação da sobretaxa. “Os outros países mandaram seus representantes para discutir o assunto e o governo fica fazendo vídeo para brincar sobre o assunto. Não vemos nenhum chanceler indo para os EUA para discutir a questão. O governo só está antecipando o debate eleitoral”, criticou Ratinho Jr.

Sub-representação

Para ele, essa antecipação da corrida eleitoral, em boa parte, tem ocorrido porque a população não está se sentindo representada pelo atual governo. Segundo o governador paranaense, é possível tomar as medidas necessárias para o controle das contas públicas, que, pelos cálculos do próprio governo, podem colapsar em 2027.

“Acredito que o Brasil está em um momento difícil. Aprendi com o Paulo Hartung (ex-governador do Espírito Santo) que quem não cuida



Acredito que o Brasil está em um momento difícil. Aprendi com o Paulo Hartung (ex-governador do Espírito Santo) que quem não cuida das contas públicas não cuida dos mais humildes e não consegue cuidar das pessoas”

Ratinho Jr.,
governador do Paraná,

das contas públicas não cuida dos mais humildes e não consegue cuidar das pessoas”, afirmou.

Ele garantiu que, logo quando assumiu o governo do Paraná, em 2019, tomou algumas decisões que serviram para equilibrar as contas do estado: reduziu em 50% o número de secretarias, entregou o jatinho que era alugado para o Poder Executivo e acabou com as aposentadorias dos governadores — além de ter dado a largada a outras ações, como como privatizações e parcerias público-privadas em várias áreas.

Tarcísio, que comemorou a vitória de Trump nas eleições norte-americanas e chegou a usar o boné da campanha do republicano, disse que o tarifaço imposto pelo presidente dos EUA pode fazer com que São Paulo perca 120 mil empregos, além de sofrer perdas de receitas entre 0,3% e 2,7% do Produto Interno Bruto (PIB).

“A gente tem feito muitas simulações e o efeito pode ser muito



(A Embraer) manda aos EUA os aviões executivos que são fabricados em Gavião Peixoto, manda os aviões da aviação comercial que são fabricados em São José dos Campos — e a gente está falando de impor um ônus significativo à empresa”

Tarcísio de Freitas,
governador de São Paulo

severo de fato”, advertiu.

O governador paulista disse que pretende fazer uma “grande liberação” de crédito do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para as empresas afetadas a fim de “atenuar os efeitos”. Afirmou, ainda, estar preocupado tanto com as pequenas empresas quanto com as grandes que operam no Estado. E citou o caso da Embraer.

“Ela manda aos EUA os aviões executivos que são fabricados em Gavião Peixoto, manda os aviões da aviação comercial que são fabricados em São José dos Campos — e a gente está falando de impor um ônus significativo à empresa”, lamentou.

De acordo com Tarcísio, a política do “nós contra eles” e de ataques ao empresariado por parte de Lula não traz vantagens, sobretudo neste momento de crise. “Vivemos um problema de tentar tirar vantagem política de tudo, mas nunca vamos fortalecer o aliado atacando o empregador”, afirmou.

União no 1º turno é projeto factível

Para os governadores Tarcísio de Freitas (SP) e Ratinho Jr. (PR), a possibilidade de uma união da direita em torno de um nome para disputar o primeiro turno nas eleições presidenciais de 2026 é um projeto factível. Mesmo porque, segundo as pesquisas de intenção de votos que vêm sendo realizadas, nenhum deles — nem mesmo Ronaldo Caiado (GO) — é capaz de derrotar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em um eventual segundo turno.

“Sim, podemos esperar a união, o primeiro ponto positivo é esse espectro ideológico. O grande problema é se não houvesse quadro

(para disputar as eleições). Mas existe e isso é bom. Um mesmo candidato (da direita), se tiver condição, não tenho dúvida que vai apresentar um projeto para o Brasil”, disse Ratinho Jr.

Tarcísio, por sua vez, fez questão de afirmar que o ex-presidente Jair Bolsonaro — que está inelegível até 2030 por determinação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) — deverá participar desse processo de união da direita. “Se engana quem acha que Bolsonaro não vai participar desse processo. Não vai haver um racha na direita”, afirmou, acrescentando que quem prega a divisão no campo ideológico ao qual

pertence é o governo Lula.

“Temos um grupo que sabe exatamente o caminho para a reforma administrativa, a desvinculação das receitas e endurecer com os bandidos. E tem uma turma que sabe fazer o projeto nacional que está acima de todas as vaidades”, defendeu.

Caiado, por sua vez, reforçou sua pré-candidatura e defendeu o maior número de postulantes no primeiro turno para que o atual governo não tenha a vantagem de ter um único alvo na campanha eleitoral. “Um único candidato aumenta a capacidade destrutiva do PT sobre a oposição”, disse.

O governador goiano propôs,

porém, que a união da direita ocorra apenas no segundo turno. “Um vai chegar e todos os outros vão estar juntos, porque temos que ganhar as eleições”, afirmou.

Dos três governadores, Caiado foi o único que defendeu o fim da reeleição. “Tenho por convicção na minha vida política que o candidato à Presidência da República precisa de apenas um mandato para fazer mudança. Não dá para pensar em enfrentar e resolver (os problemas do país) se tem como objetivo a segunda eleição”, observou. (RH)

***A jornalista viajou a convite da XP Investimentos**

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Sem poder dissuasório, Lula depende da força das instituições

Começamos por Domingos Fernandes Calabar, conhecido como grande “traidor da pátria”, em contraponto aos heróis da Batalha de Guararapes, contra os invasores holandeses, em Pernambuco, no século XVII: André Vidal de Negreiros (militar paraibano), João Fernandes Vieira (militar e senhor de engenho português), Henrique Dias (negro liberto) e Filipe Camarão (índio potiguar). Eles lideraram a resistência aos holandeses e são os heróis do mito fundador do Exército brasileiro.

Proprietário de terras alagoano, Calabar foi julgado pela historiografia como sendo um execrável traidor, que facilitou a instalação dos holandeses nas antigas capitanias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Em 1635, porém, na região de Porto Calvo, acabou sendo capturado e condenado à morte por traição. No dia 22 de julho de 1635, foi enforcado; seus restos mortais, esquartejados e espalhados em praça pública.

Sua morte não impediu a ocupação do Nordeste pelos holandeses de 1630 a 1654, cuja gestão colonial foi profundamente marcada pela administração de Maurício de Nassau, militar alemão enviado pela Companhia das Índias Ocidentais para governar a colônia holandesa. A forma como geriu os negócios coloniais na região, visivelmente mais branda do que a portuguesa, possibilitou a prosperidade material dos colonos. Durante o regime militar, no musical “Calabar, Elogio da Traição”, de Chico Buarque de Holanda, o mito foi relativizado.

A História concede a seus personagens um tratamento no qual não podem sair em defesa própria, pela inevitável barreira espaço-temporal, mas que são revisitados pelos historiadores. Jair Bolsonaro e seus filhos, o senador Flávio (PL-RJ) e o deputado Eduardo (PL-SP), não deveriam subestimar a força do mito de Calabar no imaginário brasileiro. O clã assumiu a responsabilidade pelo tarifaço de 50% contra as exportações brasileiras, cuja entrada em vigor está prevista para 1º de Agosto.

Bolsonaro e seus filhos estão sendo acusado de traír o povo brasileiro pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Isso vai ao encontro do patriotismo dos brasileiros, mas nem por isso simplifica as coisas. A situação é dramática. O Brasil não tem poder de dissuasão para enfrentar o presidente Donald Trump, cuja mão pesada se faz sentir em todo o mundo. Tudo indica que somente negociará com o Brasil após o tarifaço entrar em vigor.

Trump não dá sinais de que renunciará à exigência de impunidade para Bolsonaro, seu aliado, em razão de um acordo com o Brasil que satisfaça aos interesses econômicos dos Estados Unidos. Lula reage à chantagem de forma firme, mas a fronteira entre a altivez e a soberba é muito tênue, assim como entre o risco calculado e a irresponsabilidade. Vamos ter que “aguentar o aguaceiro pelas ventas”, como dizem os marujos portugueses, e fundear com duas âncoras em meio à tempestade. Isso depende da resiliência de nossas instituições.

Teoria do Louco

Para alguns analistas, Trump adotou a Teoria do Louco, de Thomas Schelling, professor de Harvard, na qual a irracionalidade aparente tem racionalidade e visa forçar o adversário a uma negociação pela intimidação. A questão de fundo é o endividamento dos EUA, que ameaça sua estabilidade fiscal e a dos parceiros comerciais. Sua dívida pública líquida saltou de US\$ 1,5 trilhão, em 2000, para US\$ 26,5 trilhões, em 2024. A dívida bruta atingiu US\$ 37 trilhões (115% do PIB).

Pela lei orçamentária aprovada por Trump, cortes de impostos para os mais ricos e aumento dos gastos militares devem gerar um acréscimo de US\$ 3,9 trilhões de déficit até 2034, mesmo com cortes em saúde e educação. Esse gargalo fiscal explica em parte a postura agressiva da Casa Branca no comércio internacional. Tarifas elevadas cumprem múltiplas funções: recolher receitas, pressionar parceiros e alimentar o eleitorado interno com gestos protecionistas. A Casa Branca quer transferir essa dívida para os parceiros comerciais.

Coerente com a Teoria do Louco, Trump exerce um poder performático e imprevisível para obter concessões. O tarifaço contra o Brasil não tem justificativa econômica sólida. Nos tornamos um alvo simbólico e ao seu alcance, para intimidar os demais países do Brics, a América Latina e o Canadá. O Brasil tem a 10ª economia do mundo, mas não tem poupança interna nem autossuficiência tecnológica, muito menos coesão política interna e poder de dissuasão militar para suportar uma rutura com os EUA.

Ao contrário da China, que responde com contramedidas imediatas, recorremos a notas técnicas e declarações retóricas. A crise só escalou no gogó de Lula. Nos bastidores, o governo tenta abrir as negociações com Trump, por meio do vice-presidente Geraldo Alckmin e dos senadores que chegarão amanhã em Washington. No plano global, os credores americanos — públicos e privados — observam com preocupação a explosão da dívida. Nesse aspecto, as tarifas funcionam como válvula de escape: geram caixa e projetam liderança no curto prazo.

Confirmada a imposição da tarifa de 50% ao Brasil, é provável que haja exceções estratégicas para produtos cujo encarecimento poderia afetar a inflação norte-americana, como alumínio e carne. O Departamento de Comércio dos EUA declarou que Trump “continuará aberto à negociação”, ou seja, sugeriu que o tarifaço é antes um instrumento de barganha do que uma política definitiva, até porque afeta as relações entre as empresas norte-americanas e suas filiais no Brasil. A conferir.